

O nome e o rosto da resistência montemorense em *Levantado do Chão*

Resenha: PEREIRA, Manuela (org.). **Almanson** – Revista de Cultura, Montemor-o-Novo, 3.ª série, n. 5, 2022. 239 p. Por Daniel Vecchio (UFRJ/FAPERJ)

A *Almanson*, Revista de Cultura de Montemor-o-Novo, completa quarenta anos de existência em 2023 e tem por finalidade a promoção de estudos sobre a região do Alentejo, com preferência para o Concelho de Montemor-o-Novo, em uma vertente multidisciplinar, constituindo essa perspectiva um ponto de encontro entre as várias disciplinas que estimulam e divulgam o conhecimento sobre o Alentejo. Nada mais apropriado para uma revista cujo nome referencia um rio que passa por muitas regiões alentejanas, sobretudo por Montemor-o-Novo, Vendas Novas, Canha e Santo Estevão.

No dia 25 de novembro, às 18h00, na Biblioteca Municipal Almeida Faria, em Montemor, estive presente no lançamento do quinto número da terceira série da revista, uma edição especial dedicada ao primeiro centenário de nascimento do escritor José Saramago. Trata-se do mesmo salão onde o escritor já realizou algumas falas e encontros, como no momento registrado na fotografia que ilustra a capa da revista, tirada quando Saramago visitava o município em 28 de outubro de 1998.

Contando com a presença de autoridades da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo e da Comissão Organizadora da revista, o evento de lançamento desse número especial ainda contou com a presença dos autores do novo número, além de Nuno Cacilhas,



Figura SEQ Figura *
ARABIC 1: Imagem de

técnico da Biblioteca Municipal Almeida de Faria, que colabora com a Unidade de Cultura e Património Cultural da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, sendo o responsável pela organização do *Roteiro Literário Levantado do Chão*, em parceria com a Fundação José Saramago.

Durante a apresentação foi ressaltada a identificação e a importância de José Saramago para o periódico, principalmente pela história que o escritor traçou com Montemor-o-Novo, sendo as vilas deste concelho o principal palco dos personagens do premiado romance de 1980. Não é por menos que todos os estudos saramaguianos que compõe a revista são voltados para essa obra ficcional. Nesse ponto, nos deparamos com o que essa edição da revista contém mais de valioso e original, que é uma reunião de estudos sobre o *Levantado do Chão* a partir do ponto de vista de estudiosos locais, ou seja, um conjunto de análises e leituras realizado por pessoas cuja identificação com as memórias ficcionalizadas na obra abordada ultrapassa todos os distanciamentos acadêmicos, afetivos e vivenciais de quem lê a obra de outras localidades.

Nesse sentido, a revista oferece ao seu leitor um cruzamento curioso e enriquecedor entre as memórias ficcionalizadas do romance e as vivências e lembranças similares que os próprios estudiosos carregam em suas memórias familiares, tendo por consequência o reconhecimento e o aprofundamento dos estudos uma de suas marcas. Trata-se, portanto, da releitura do romance por pessoas viventes e descendentes dos episódios narrados e a partir daqui apresentaremos alguns desses casos.

Entre as publicações, encontramos na abertura da revista, o estudo intitulado “**Levantado do Chão, de José Saramago: uma obra e um Roteiro para a leitura**”, de autoria de **Luís Farinha**, historiador pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa aonde veio a ser professor convidado. Especialista em História Política e Institucional do Século XX, Luís Farinha ainda integrou a comissão instaladora do Museu do Aljube, de onde chegou a ser diretor, se dedicando nas últimas décadas à investigação de temas relacionados à violência política, às oposições políticas à ditadura e ao Estado Novo, à primeira república e

às políticas de memória, temas que delinearão sua leitura do romance de Saramago presente neste número da revista *Almansi*.

A começar pelo fato de seu estudo, assim como todos os outros, valorizar e detalhar alguns momentos de José Saramago no Alentejo nos anos de 1976 e 1977, quando pôde ver de perto as consequências da opressão da ditadura no campo, principalmente em Lavre, onde se recolhera para ouvir e registrar as histórias de vida dos trabalhadores agrícolas. Dessa forma, segundo Farinha, Saramago descobriu que “a história do latifúndio não tem fim. Terá pensado que a história se podia contar de outra maneira. Mas aí estava a vida a contrariar a crença. Venciam os que menos razões tinham para vencer, [...]” (FARINHA, 2022, p. 6).

No diagnóstico do autor do artigo, que conhece bem a região por ser natural de Évora, “Inquietos continuam os homens e mulheres, tanto quanto os encontrou Saramago em sua vida. Mas o desassossego, esse é o maior” (FARINHA, 2022, p. 6-7). Explorando muitos trechos do romance saramaguiano, o historiador evidencia a miséria a que a população alentejana era submetida, onde a “Gente que com pouco vivia e menos comia, a jorna dava para pouco mais que nada. Dois tostões, ganhava João Mau-tempo já moço feito quase homem a moer raízes do mato a enxadão numa surriba [...]” (FARINHA, 2022, p. 8)..

Farinha termina seu estudo por afirmar que Saramago reúne uma fonte das palavras “para exclamar, para calar ou falar baixo e esconder, para explodir sem assomos de mal estar ou cólera ou para rir de alguém ou de alguma coisa com alegria ou sarcasmo. A maestria do escritor está justamente na escolha do termo preciso e do encadeamento que resulta do ritmo da palavra falada” (FARINHA, 2022, p. 11). Para o autor, portanto, “Seria uma injustiça se lêssemos *Levantado do Chão* com o deleite de uma estória de peripécias bem contadas e de palavras a ecoar num tempo sem história”, visto que a obra apela à celebração da memória da luta dos trabalhadores, contra todas as tiranias que lhes foram impostas:

A luta pela terra e pelo pão faz parte do património material e simbólico das comunidades agrícolas do Alentejo há séculos, desde quando a terra se juntou na mão de poucos. [...]. Que ela sirva de oportunidade para a educação histórica e cívica do povo. [...] pois, a verdadeira literatura, não é um devaneio deleitoso para entretenimento de ociosos, mas antes uma leitura profunda da vida para compreender e transformar o mundo (FARINHA, 2022, p. 15).

É pelas sendas de *Levantado do Chão* que outros autores desta revista percorrem, descortinando o Alentejo como uma terra para além de um “esconderijo de pedras e de silvas” (FARINHA, 2022, p. 16), como vemos no artigo intitulado “**Levantados do chão: na senda de ser e fazer melhor**”, de autoria de **Inês Santos Silva**. Trata-se de uma investigadora que concluiu, em 2017, uma dissertação de mestrado orientada pelo Dr. Pedro Eiras intitulada *Levantados o chão: O poder das mulheres na obra de José Saramago*, em que analisa o romance também como uma “ode ao género feminino, aos seus muitos poderes e ainda mais possibilidades, que em tanto contribui para a sua dignificação” (SILVA, 2022, p. 18).

Em seu artigo publicado, Inês Silva adentra no ser e fazer da obra *Levantado do Chão* começando pelo impacto do fazer da própria obra, visto que ela “constitui uma rutura, uma espécie de fenda semelhante à que racha os Pirinéus em *A Jangada de Pedra*, um antes e depois na obra saramaguiana. É neste livro que [...] se vão encontrar, pela primeira vez, [...] uma escrita nascida da oralidade” (SILVA, 2022, p. 19). Tal marco “revela-nos sua missão de ir à memória das pessoas comuns, o elogio das pessoas comuns, o resgate de nomes perdidos no tempo [...]” (SILVA, 2022, p. 20). Adentrando no ser das pessoas comuns, a autora do artigo se questiona: quem são, então, estas pessoas comuns de *Levantado do Chão*? São gerações de famílias pobres, sem terra e presas

[...] num ciclo de pobreza do latifúndio, sob ordem dos patrões, dos capatazes, dos feitores – porém, sobremaneira, do poder e do dinheiro, que verdadeiramente governam o mundo. Um ciclo também de indignidade no qual “o feitor é o chicote que mete na ordem a canzoada” (p. 78), [...] (SILVA, 2022, p. 20).

Inês Silva aponta a transversalidade do trabalho de José Saramago com essa estratégica evocação memorialística e histórica, no intuito de reaver o passado para pensá-lo e pedir-lhe contas. Somente assim é possível, na visão da autora, responder a questões essenciais ao ser humano, como ela própria aponta: “Não se trata, portanto, de contar simplesmente, de recontar, de descrever realidades de grande dureza para que os leitores se abatam sob elas. Trata-se, sim, de um impulso de reflexão com apelo à ação. De denunciar, alertar e, [...], colocar fim ao sofrimento” (SILVA, 2022, p. 17).

É a partir dessa perspectiva que Inês Silva retoma alguns dos pontos desenvolvidos em sua dissertação de mestrado ao abordar as mulheres comuns e sofredoras da família Mau-Tempo: Sara da Conceição, Faustina, Gracinda e Maria Adelaide. Para a autora, as mulheres de *Levantado do Chão* inserem-se num espaço temporal e social muito próprios, constituído por uma distinção considerável entre as mulheres dos camponeses e as mulheres dos proprietários, como revela as linhas do romance: “as senhoras tinham as delicadezas do sexo, bebiam seu chá, faziam sua malha e eram madrinhas das filhas dos criados mais próximos” (SARAMAGO, 2012, p. 57), enquanto “as mulheres dos camponeses estão sujeitas à precariedade, o que torna o seu trabalho necessário” (SILVA, 2022, p. 23).

Por conseguinte, a autora frisa que, ao longo do romance, “Saramago procura resgatar do esquecimento a disparidade entre homens e mulheres, entre mulheres dos proprietários e mulheres camponesas, entre ricos e pobres, [o que] comprova que entre os esquecidos há ainda, e sempre, quem seja condenado a maior esquecimento” (SILVA, 2022, p. 23). A seguir, a revista continua com artigos que revelam aos seus leitores uma leitura local de *Levantado do Chão*, visto que sem essa perspectiva local evocada por seus conterrâneos não poderíamos compreender efetivamente o grau de necessidade da ação e da responsabilidade de compartilhar memórias para que parte da história fosse e continue a ser resgatada.

É o que nos aponta **Teresa Fonseca**, em seu artigo “**A resistência montemorense na obra *Levantado do chão*: História e Ficção**”. Teresa Fonseca, residente

de Montemor-o-Novo há muitos anos, possui inúmeras outras publicações na revista *Almansi*. Ela é licenciada, mestre e doutora em História pela Universidade do Porto e pela Universidade Nova de Lisboa, com longa experiência como professora do Ensino Secundário. Tem os seus trabalhos de investigação concentrados nas áreas da História Moderna e Contemporânea de Portugal, estudos que em sua maioria se referem ao Alentejo, tendo publicado 17 livros e cerca de 80 artigos em diversas revistas nacionais e internacionais.

Ao reconhecer o concelho de Montemor-o-Novo como espaço nuclear dos episódios do romance saramaguiano, a autora realiza uma abordagem histórica sucinta da região para mostrar que “o Alentejo em geral, possuía uma economia quase exclusivamente rural, essencialmente baseada na exploração da grande propriedade” (FONSECA, 2022, p. 29). Isso corrobora o romance *Levantado do Chão* que, por meio de três gerações de uma família de trabalhadores agrícolas, representa, segundo a autora, a “imutabilidade nas relações socioeconómicas entre patronato e assalariados rurais, bem como o impacto das transformações políticas nacionais e internacionais na vida do latifúndio” (FONSECA, 2022, p. 30).

Como historiadora, Teresa Fonseca não poderia deixar de ressaltar o momento em que José Saramago inicia a saga da família Mau-Tempo, que é situada nos anos derradeiros da monarquia, aquando das primeiras reivindicações do proletariado rural:

A propaganda republicana, aproveitando as fragilidades da monarquia, defende abertamente a sua queda, como única saída para a regeneração da pátria e a resolução dos grandes problemas nacionais. José Saramago reflete a esperança suscitada pela implantação da República na melhoria das condições de vida dos trabalhadores do campo: “Então chegou a república. Ganhavam os homens doze ou treze vinténs, e as mulheres menos da metade, como de costume [...]. Viva a república. Viva, Patrão, quanto é o jornal agora, Deixa ver, o que os outros pagarem [...]” (LC, p. 7) (FONSECA, 2022, p. 30-31).

Teresa Fonseca detecta no romance saramaguiano a coerente representação de um proletariado duvidoso relativamente a uma possível mudança de atitude da parte dos

latifundiários após o advento da república, como nos conta Saramago a seguir: “Então, porque entre o latifúndio monárquico e o latifúndio republicano não se viam diferenças e as parecenças eram todas, [...]” (SARAMAGO, 2012, p. 9). Na realidade, a autora resgata em seu artigo a tensão ancestral entre os latifundiários e o proletariado agrícola, conflito que seguiu uma vertiginosa crescente mesmo após a república. A historiadora nos relembra, por exemplo, do

[...] boicote dos latifundiários (contra a república) [que] faz renascer a revolta entre os trabalhadores, com a conseqüente e inevitável repressão, como nos relata Saramago: “Por todas as herdades corria um vento mau de insurreição, um rosar de lobo acuado e faminto [...]. Havia pois que dar o exemplo, uma lição [...] recebidas as ordens [...] Eis que via a guarda nacional republicana por esses campos fora [...]” (LC, p. 13) (FONSECA, 2022, p. 32).

Desse modo, Fonseca nos mostra como desde as primeiras gerações de *Levantado do Chão* temos a representação de um operariado rural e urbano que “cedo compreende que não pode contar com as autoridades republicanas, sem coragem para enfrentar os detentores do capital e implementar a tão prometida nova ordem, baseada no trabalho e na justiça social” (FONSECA, 2022, p. 32)

Após esse panorama republicano do romance *Levantado do Chão*, a autora mergulha em outros contextos históricos vitais para o desdobramento do romance como a Segunda Guerra Mundial, os protestos de 1958 / 1962 e, por último, a Revolução dos Cravos de 1974. Na leitura de Fonseca (2022, p. 44), o final do romance absorve o momento de dificuldade que o escritor vivera entre os trabalhadores nos anos de 1976 e 1977, momento esse de muitas incertezas, o que gerou alguma desilusão, mas também o renascer de uma nova luta: “[...], Não há trabalho, [...] andam aí a rádio e a televisão a pregar democracias e outras igualdades, e eu quero trabalhar e não tenho onde, quem me explica que revolução é esta” (SARAMAGO, 2012, p. 61).

No último artigo da revista dedicado à obra saramaguiana, temos o estudo de **Joana Sofio** intitulado “A relação entre *Levantado do Chão* de José Saramago e os

cidadãos de Montemor-o-Novo detidos pela polícia política (1933-1974)”. Joana Sofio, natural de Montemor-o-Novo, é uma das organizadoras do *Roteiro Literário de Levantado do Chão* e, neste estudo, empreende uma busca pelas fichas e processos criminais dos presos políticos, incluindo os trabalhadores a quem o livro *Levantado do Chão* é dedicado (dedicatória que infelizmente tem sido retirada das novas edições do romance).

Na entrada do artigo, a autora produz uma curiosa montagem com as fotos prisionais dos trabalhadores que surgem na dedicatória do romance, traduzindo a dedicatória do escritor em imagens que nos emocionam, principalmente porque nelas se observam, por vezes, o abatimento, a subnutrição e os maus tratos sofridos pelos trabalhadores no período em que se encontravam nas prisões.

A originalidade da análise de Joana Sofio está em cruzar os dados das fichas prisionais com as informações obtidas por meio da leitura do romance, somado ainda à leitura do *Caderno de apontamentos para a composição de Levantado do Chão*, alocado no espólio de José Saramago da Biblioteca Nacional de Portugal (MS ESP.N/45) e que foi produzido em 1977 quando o escritor estabeleceu-se na antiga sede da Cooperativa de Consumo Vento do Leste, onde dormia. Sofio enfatiza bastante esse momento quando Saramago, antes de escrever o romance, se dedica a recolher depoimentos com um gravador e depois transcrevê-los ao papel:

“28 de março, Longa conversa com o João Machado, o Badalinho, o Catarro e o Abelha. À noite estive a passar o relato do António Joaquim Cabecinhas [...] do João Bazuga. Quase tudo [...] a sua vida como militante, [...] 29 de Março. Todo o dia, praticamente a copiar as gravações: ao todo, vinte e quatro páginas, [...]” (Caderno de apontamentos, pp. 17-18) (SOFIO, 2022, p. 52).

Os nomes que surgem nessas entrevistas gravadas por Saramago e depois transcritas correspondem aos nomes apresentados nas dedicatórias do romance e que se referem aqueles que a autora do artigo destaca na lista de detenções efetuadas pela PIDE, relativamente aos indivíduos naturais ou residentes no concelho de Montemor-o-Novo,

entre os anos 1933-1974, período focalizado pelo romance saramaguiano. Segundo Sofio, tal escolha se justifica, portanto, “[...]: por haver várias detenções por motivos políticos em *Levantado do Chão* e pela relevância do número de montemorenses referidos na dedicatória de 1980 que também haviam sido detidos por motivos políticos [...]” (SOFIO, 2022, p. 52).

Partindo das listas e das fichas dos presos políticos, a autora segue seu percurso investigativo e documental até chegar aos “processos crime (PC) que são referidos neste estudo [...] [e] referem grupos de detidos e, muito esporadicamente, casos individuais” (SOFIO, 2022, p. 53). Toda essa documentação é revista e organizada pela autora a cada década vivida na ditadura, fornecendo-nos a possibilidade de criar novos cruzamentos e novos dados de análise, o que nos possibilita, por fim, melhor compreender determinados pormenores memorialísticos e mesmo documentais de *Levantado do Chão*.

Trata-se, tais fichas, do descortinar documental daqueles “[...] que dariam conteúdo e substância ao futuro livro, na maior parte camponeses de vida revolucionária obscura, [...]” (SARAMAGO, 2010, p. 11) e que o escritor tanto procurava pelas terras de Montemor-o-Novo. Para Joana Sofio, para representar ficcionalmente os “camponeses de vida revolucionária”, a obra *Levantado do Chão* se ampara em “dois momentos em que se retratam greves realizadas com o intuito de obter melhores condições de trabalho, tanto pelas 8 horas, como, anteriormente, por melhor salário, na reivindicação pelo aumento da jorna para trinta e três escudos” (SOFIO, 2022, p. 70).

Ao partir para uma síntese das detenções de montemorenses nas greves assinaladas, Joana Sofio conclui que

A análise dos motivos das prisões, nas fichas prisionais, evidencia em maior número o motivo “para averiguações”. Porém, ao consultarem-se os processos de crime relativos ao maior número de detidos, os motivos referidos para efetuar a detenção eram na sua maioria por desenvolverem atividades do Partido Comunista Português ou por serem associados às ações promovidas por este partido (SOFIO, 2022, p. 79-80).

Tais resultados apontam, de imediato, que com este estudo temos um grande contributo ao público leitor acerca da dimensão da participação da população montemorense na resistência e no processo de consciencialização representados no romance *Levantado do Chão*. Mesmo com toda violência e opressão existente, pode-se notar em tais documentos levantados por Joana Sofio a constante presença de montemorenses na linha de frente da resistência contra a ditadura, apesar da grande repressão política existente na época. Portanto, fica bem circunscrita neste estudo a relação entre a obra *Levantado do Chão* de José Saramago e as prisões políticas dos cidadãos de Montemor-o-Novo

Há outros artigos presentes na revista que não tratam da obra saramaguiana, mas que por tratar de temas vinculados à história e à cultura alentejanas já merece, por si só, toda uma atenção à parte. Trata-se dos artigos “As igrejas de Montemor-o-Novo em 1534: transcrição da visitação do bispado de Évora”, de Gonçalo Lopes; “A vila de Lavre de 1186 a 1521”, de Filomena Caetano, “A mais antiga planta de Montemor-o-Novo (1827) e o seu provável autor”, de Jorge Fonseca, e, por último, “De Pias (Baixo Alentejo) à Índia – (re)construindo pontes”, de Marco Valente e Madalena Borralho.

Ficam, por fim, as últimas palavras dessa resenha que consiste em evidenciar a importância do quinto número da revista *Almanson* publicada no mês do primeiro centenário de José Saramago, cuja leitura se faz pertinente principalmente pelo fato dos seus autores tecerem uma homenagem crítica e estudiosa à resistência alentejana a que se pretende dar nome e rosto no romance de José Saramago. Vida longa aos trabalhadores do Alentejo!

Referências

FARINHA, Luís. *Levantado do Chão*, de José Saramago: uma obra e um Roteiro para a leitura. In: PEREIRA, Manuela (org.). **Almanson** – Revista de Cultura, Montemor-o-Novo, n.º 5 / 3.ª série, 2022, pp. 5-16.

FONSECA, Teresa. A resistência montemorense na obra *Levantado do chão*: História e Ficção. PEREIRA, Manuela (org.). **Almanson** – Revista de Cultura, Montemor-o-Novo, n.º 5 / 3.ª série, 2022, pp. 29-50.

SARAMAGO, José. **Levantado do Chão**. 17.ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

Página | 11

SILVA, Inês Santos. Levantados do chão: na senda de ser e fazer melhor. In: PEREIRA, Manuela (org.). **Almanson** – Revista de Cultura, Montemor-o-Novo, n.º 5 / 3.ª série, 2022, pp. 17-28.

SOFIO, Joana. A relação entre *Levantado do Chão* de José Saramago e os cidadãos de Montemor-o-Novo detidos pela polícia política (1933-1974). PEREIRA, Manuela (org.). **Almanson** – Revista de Cultura, Montemor-o-Novo, n.º 5 / 3.ª série, 2022, pp. 51-128.